

MULHERZINHAS

LOUISA MAY ALCOTT

VERBO

Clássicos Juvenis

ÍNDICE

I - As quatro irmãs	5
II - Feliz Natal !.....	15
III - O Baile..	23
IV - Trabalhos	33
V - Bons vizinhos... ..	41
VI - Beth descobre um belo palácio..... ..	53
VII - O vale da humilhação de Amy..... ..	59
VIII - Jo defronta-se com Apollyon ...	63
IX - Meg na feira das vaidades.... ..	71
X - O Clube Pickwick.....	83
XI - Experiências..... ..	91
XII - O acampamento Laurence.... ..	101
XIII - Castelos no ar.. ..	115
XIV - Segredos.	125
XV - Um telegrama.. ..	135
XVI - Despedidas..... ..	143
XVII - Abnegação..... ..	147
XVIII - Dias difíceis..... ..	155
XIX - O testamento de Amy ..	161
XX - Confidências..... ..	167
XXI - Laurie faz uma partida e Jo intervém.....	175
XXII - A tia March resolve a situação..... ..	181

AS QUATRO IRMÃS

- O Natal sem prendas nem vai parecer Natal - disse Jo, estendida ao comprido sobre o tapete.

- Que triste é ser pobre! - suspirou Meg, olhando para o seu vestido já muito usado.

- Não acho justo que haja raparigas que têm tantas coisas bonitas, enquanto nós não temos nada - acrescentou Amy com ar despeitado.

- Em todo o caso, temos o pai e a mãe e temo-nos umas às outras - disse Beth em tom alegre.

Os quatro rostos iluminaram-se com estas últimas palavras, mas voltaram a fechar-se, quando Jo murmurou tristemente :

- O pai não o vamos ver tão cedo.

Nem acrescentou e talvez nunca mais o vejamos,, mas cada uma delas completou o pensamento, lembrando-se de que o pai estava na guerra que dilacerava o Norte e o Sul do seu país - a América.

Depois de um minuto de silêncio, Meg disse com voz comovida:

- Bem sabem que a mãe nos propôs que prescindíssemos das prendas este Natal, porque o Inverno vai ser muito duro e não devemos gastar dinheiro em coisas que nos dêem prazer,

5

quando os nossos homens estão a sofrer tanto na guerra. Não podemos ajudar muito, mas podemos fazer pequenos sacrifícios alegremente. Se bem que eu receie não ser capaz disso - e abanou a cabeça, lembrando-se das muitas coisas que desejava.

- O que eu não compreendo é que ajuda pode dar o pouco que temos. É só um dólar por cada uma e isso pouco adianta ao Exército. Não quero que vocês me ofereçam nada, mas eu vou comprar Undine and Sintrum - disse Jo, que adorava ler.

- Eu gostava de gastar o meu dólar em música - suspirou Beth.

- Eu preciso de lápis de cor - decidiu Amy. - E hei-de comprá-los.

- Acho justo que tenhamos algum prazer, pois bem nos custa ganhá-lo - foi a opinião de Jo.

- Eu que o diga - lamentou-se Meg. - Gostava muito mais de ficar em casa do que ir dar lições àquelas crianças terríveis.

- Que diríam vocês - exclamou Jo - se tivessem de suportar todo o dia uma senhora de idade, rabujenta e nervosa, sempre descontente, que nos faz perder a cabeça a ponto de dar vontade de lhe pregar uma bofetada ou de fugir pela varanda?

- Sei que não é bonito lamentarmo-nos, mas eu acho que o trabalho mais enfadonho é o de lavar pratos e arrumar a casa. Aborrece-me e põe-me as mãos tão ásperas que depois não posso tocar piano - e Beth olhou as mãos, pesarosa.

- Apesar de tudo, nenhuma sofre tanto como eu - exclamou Amy.

- Nenhuma de vocês tem de ir à escola com raparigas antipáticas que nos moem a paciência se não sabemos a lição, troçam dos nossos vestidos, fazem alusões desagradáveis ao nosso pai por ele não ser rico e ainda por cima fazem pouco de quem não tem um nariz bonito.

6

- Disseste no outro dia que éramos mais felizes do que os filhos dos King porque, apesar de serem ricos, estão sempre zangados uns com os outros - comentou Jo.

- E disseste bem, Beth, porque embora tenhamos de trabalhar, sabemos tirar partido disso para nos divertirmos e formamos uma pandilha gira, como diz a Jo.

- A Jo fala de um modo tão grosseiro - censurou Amy, olhando para a figura da irmã estendida no tapete.

Esta levantou-se de um salto e, metendo as mãos nos bolsos do avental, começou a assobiar.

- Não assobies, Jo. Isso é próprio dos rapazes.

- É por isso mesmo que eu assobio.

- Detesto raparigas que não saibam portar-se como senhoras.

- E eu não gosto das afectadas e presumidas.

- Os passarinhos vivem em paz nos seus ninhos, - cantarolou Beth, conciliadora.

E a expressão do seu rosto era tão divertida que as irmãs desataram a rir e a discussão acabou ali.

- Meninas, as duas são dignas de reprimenda - disse Meg, começando um sermão, no seu estilo de irmã mais velha. - Tu, Jo, já tens idade para deixares esses modos arrapazados. Tinham pouca importância quando eras mais nova, mas agora, que és tão crescida e usas o cabelo apanhado, devias lembrar-te de que és uma senhora.

- Não sou, nada! E se é pelo cabelo apanhado, vou usar tranças até aos vinte anos, exclamou Jo, enquanto dava um puxão à rede que lho segurava, sacudindo a sua opulenta cabeleira castanha.

- Não posso suportar a ideia de que hei-de tornar-me numa menina March e usar vestidos compridos. Não me conformo de não ser rapaz; muito mais agora, porque gostava de lutar ao lado do pai e tenho de ficar em casa a fazer meia.

- Pobre Jo! Tenho imensa pena de que não possas fazer mais do que dar uma forma arrapazada ao teu nome e fingires que és o nosso irmão mais velho - murmurou Beth, enquanto acariciava a cabeça da irmã, que a encostara aos seus joelhos.

- Quanto a ti, Amy - continuou Meg -, estás muito afectada. Agora tens graça, mas se não te corrigires ficarás ridícula. Quando não pretendes ser requintada, tens uns modos bonitos que são agradáveis. Mas as palavras rebuscadas que usas às vezes são tão desagradáveis como o calão da Jo.

- Se a Jo é uma maria-rapaz e Amy uma presumida, pode saber-se o que é que eu sou? - quis saber Beth.

- Tu és um anjo e mais nada.

E ninguém contradisse Meg, porque a ratinha" era a favorita da família.

As quatro irmãs conversavam numa sala confortável, porque, embora a carpeta estivesse desbotada e os móveis fossem muito simples, nas paredes havia alguns quadros de boa escola e as estantes estavam cheias de livros; no parapeito das janelas viam-se crisântemos e rosas do Natal e no ambiente reinava uma agradável atmosfera de paz familiar.

Margaret (Meg), a mais velha, tinha dezasseis anos. Era uma linda rapariga redondinha e muito branca, de olhos grandes e abundante cabelo castanho, boca meiga e mãos muito brancas, em que tinha uma certa vaidade.

Josefina (Jo), com os seus quinze anos, era alta, esbelta e morena; fazia lembrar um potro de poucos dias. Dava a impressão de nunca saber o que havia de fazer dos seus braços compridos e das suas longas pernas, que muito a atrapalhavam. Tinha uma boca de expressão decidida, o nariz travesso e engraçado, olhos duma tonalidade cinzenta, muito vivos, que pareciam tudo ver. O cabelo, comprido e forte, era o elemento principal da sua beleza, mas ela trazia-o usualmente preso

8

numa rede, para que a não incomodasse. Jo tinha os ombros arredondados, as mãos e os pés grandes, uma maneira despreocupada de se vestir e a aparência embaraçada de uma rapariga que se estava tornando rapidamente mulher e a quem tal ideia não agradava.

Elisabeth (Beth) era uma jovem de treze anos, rosada, de cabelos macios, olhos claros, maneiras acanhadas, voz tímida e uma expressão tranquila, que raras vezes se mostrava perturbada. O pai costumava chamar-lhe a sua Pequena Tranquilidade e este nome adaptava-se-lhe maravilhosamente, porque parecia viver num mundo que era só dela, de onde apenas ousava sair quando encontrava pessoas de quem gostasse ou em quem tivesse confiança.

Quanto a Amy, embora a mais nova, era uma pessoa muito importante, ou, pelo menos, era esta a opinião que ela formava de si própria. Uma perfeita boneca de neve, de olhos azuis e cabelos de ouro que lhe caíam em caracóis sobre os ombros, pálida e franzina, sempre com uma atitude de senhora que nunca esquece as boas maneiras. O relógio deu as seis horas e Beth foi colocar diante da lareira um par de chinelos a aquecer. Aproximava-se a hora do regresso da mãe e Meg acendeu o candeeiro. Amy aproximou do calor uma poltrona e Jo disse, olhando para os chinelos da mãe:

- Estão muito velhos. Era preciso comprar outros.
- Eu pensava comprar-lhos - disse Beth.
- Quem os compra sou eu! - exclamou Amy.
- Eu é que sou a mais velha começou a dizer Meg.

Mas Jo interrompeu-a com ar decidido:

- Agora que o pai não está, o homem da família sou eu. Por isso sou eu que me vou encarregar disso, porque o pai recomendou-me que cuidasse da mãe.

- Podíamos comprar prendas para a mãe e não comprar nada para nós - sugeriu Beth.

9

- É uma ótima ideia - foi a opinião de Jo. - E o que é que vamos comprar?

Pensaram um pouco e Meg, como se as suas bonitas mãos lhe sugerissem a ideia, declarou:

- Eu vou comprar-lhe um par de luvas.

- E eu, os melhores chinelos que encontrar.

- Eu compro-lhe uns lencinhos bordados - disse Beth.

- Eu dou-lhe água-de-colónia - aventou Amy. - A mãe gosta e, como não é muito cara, ainda fico com dinheiro para comprar alguma coisa para mim.

- E como é que vamos dar as prendas? - perguntou Meg.

- Pômo-las em cima da mesa e depois vamos buscá-la para ela abrir os embrulhos.

- Lembram-se do que costumávamos fazer nos dias dos nossos anos? - recordou Jo.

- Eu ficava com medo quando tinha de sentar-me na cadeira grande com uma coroa na cabeça e depois vinham vocês com as prendas e davam-me um beijo - respondeu Beth, que estava a fazer torradas.

- Vamos fazer uma surpresa à mãe. Amanhã podemos sair para ir às compras - disse Jo. E acrescentou, enquanto andava de um lado para o outro com as mãos atrás das costas: - Não te esqueças, Meg, ainda há muito que fazer para a representação do dia de Natal.

- Não penso entrar em mais nenhuma, porque já estou a ficar muito velha para isso.

A conversa é bruscamente interrompida pela chegada da mãe:

- Como passaram o dia as minhas filhas? - exclamou da porta com uma voz meiga.

Ao ouvi-la, todas correram a dar as boas-vindas a uma senhora de aspecto distinto, apesar de vestir modestamente.

10

- Havia tanto que fazer que não pude vir almoçar - continuou ela. - Veio algum recado, Beth? Estás melhor da constipação, Meg? Jo, tens um ar cansado. Vem dar-me um beijo. Depois de tirar o casaco e os sapatos e calçado os chinelos, sentou-se na poltrona junto do fogão e puxou Amy para o colo.

Entretanto, Meg preparou a mesa para o chá, Jo trouxe lenha e procurou ajudar, embora deixasse cair no chão algumas coisas, enquanto Beth andava num vaivém entre a sala e a cozinha. Quando se sentaram à mesa, a senhora March disse com uma expressão

radiante:

- Trago-vos uma surpresa para depois do jantar.
- É uma carta! - exclamou Jo, atirando fora o guardanapo.
- Três vivas para o pai!
- É isso mesmo. Ele diz que está bem e que lhe parece que vai passar o Inverno melhor do que supunha. Manda as Boas-Festas e uma mensagem especial para as suas filhas.

As raparigas aproximaram-se do calor. A mãe continuava sentada na poltrona com Beth a seus pés e as outras à sua volta. Na carta, o senhor March não aludia a desconfortos nem a perigos. Era uma carta otimista e encorajadora, mas o seu anseio de estar de novo com a família transparecia no parágrafo seguinte :

Muitos beijos para as minhas filhas. Diz-lhes que penso nelas durante o dia, rezo por elas à noite e que são o meu maior conforto. Este tempo que passo sem as ver parece-me interminável, mas havemos de suportar esta dura prova. Sei que serão boas para ti, cumprirão os seus deveres e procurarão lutar por vencer os seus defeitos para que, quando eu voltar, me possa sentir mais do que nunca orgulhoso das minhas mulherzinhas.

11

Ficaram todas muito comovidas e Amy disse, soluçando:

- Sei que sou egoísta, mas vou procurar emendar-me.
- Eu sou muito vaidosa e não gosto de trabalhar - acrescentou Meg -, mas vou esforçar-me por mudar.
- Eu vou tentar transformar-me numa mulherzinha, como o pai diz na carta - murmurou Jo -, embora isso me pareça difícil.

Beth não disse nada mas tomou as suas decisões interiormente.

- E quais são os nossos problemas? - perguntou Amy, continuando a conversa.
- Cada uma de nós se referiu ao seu, menos Beth. Se calhar é porque não tem nenhum.
- Tenho, pois! São os pratos e o espanador, invejar aquelas que têm pianos bonitos e ser tão tímida.

Todas sentiram vontade de rir, mas nenhuma o fez para não ferir Beth.

-Temos de enfrentar as nossas dificuldades - disse Meg. - Isso vai ajudar-nos a ser melhores.

- Procurem debaixo da almofada no dia de Natal e encontrarão um livro que será o vosso guia - prometeu a mãe.

A velha Hanna levantou a mesa e elas pegaram nos seus cestos de costura para continuarem a fazer os lençóis da tia March. Era um trabalho de costura sem interesse, mas, nessa noite, nenhuma delas resmungou. As quatro aceitaram a ideia de dividir em partes iguais as longas bainhas de cada lençol e dar-lhes sucessivamente os nomes de Europa, Ásia, África e América. Desta maneira o trabalho progrediu admiravelmente, em particular quando trocavam

impressões, a respeito dos diferentes países, à medida que iam marcando através deles, com pontos da agulha, o caminho percorrido.

Trabalharam até às nove horas e depois cantaram um pouco como costumavam fazer antes de se deitar.

12

Beth tocava com suavidade o velho piano, Meg e a mãe dirigiam o pequeno grupo coral, porque Amy fazia lembrar um grilo e Jo desafinava sempre. Desde pequenas, quando balbuciavam Estrelinhas que Brilhais e outras canções parecidas, lhes ficara o hábito de cantar em família. A mãe cantava com muito entusiasmo. O primeiro som que se ouvia em casa, de manhã, era a sua voz, e à noite era ainda a mesma voz que as meninas ouviam como se fosse uma canção de embalar.

13

FELIZ NATAL !

No dia de Natal, Jo foi a primeira a acordar. A princípio sentiu-se desapontada, porque não havia meias com prendas penduradas na lareira. Então lembrou-se da promessa da mãe e, procurando debaixo da almofada, encontrou um livrinho de capa vermelha. Era a história da vida mais perfeita jamais vivida no mundo e Jo compreendeu que era um verdadeiro guia para os peregrinos desta vida. Com um Feliz Natal!, acordou Meg e, quando disse à irmã que procurasse também debaixo da almofada, esta encontrou um livro igual, mas de capa verde. Os de Beth e Amy, que depressa acordaram no quarto ao lado, eram um branco e o outro azul. As quatro irmãs ficaram a admirar os seus livrinhos.

- Meninas - disse Meg com aquele tom de voz muito sério que tanto influenciava as irmãs, especialmente a Jo -, a mãe deseja que sigamos as indicações deste livro. Por isso devemos começar imediatamente.

Jo passou o braço em torno do pescoço de Meg e começaram a ler juntas. Beth, muito impressionada, disse:

- Como tu és boa, Meg! Amy, vamos também ler como elas. Eu ajudo-te a ler as palavras mais difíceis e procuraremos compreender tudo. Depois, os quartos ficaram em profundo silêncio, apenas

15

quebrado pelo voltar das páginas, enquanto o sol lhes dava as suas alegres Boas- Festas!

Quando, meia hora depois, Meg desceu ao andar de baixo para agradecer à mãe, perguntou a Hanna:

- Onde está a mãe?

- Apareceu aí um rapazito a pedir qualquer coisa e a senhora saiu com ele. Nunca vi uma pessoa tão generosa.

Hanna vivia com a família desde o nascimento de Meg e era considerada por todos mais uma amiga do que uma empregada.

- Acho que não se vai demorar. Por isso vá acabar de fazer os bolos para que tudo esteja pronto a horas - disse-lhe Meg, deitando uma olhadela para os presentes que estavam num cesto escondido debaixo do sofá. - Mas, onde está o frasco de água-de-colónia da Amy? - acrescentou ela quando lhe notou a falta.

- Ela levou-o há momentos. Julgo que foi pôr-lhe uma fita - respondeu Jo.

- Que bonitos que são os meus lencinhos! Não acham? Fui eu mesma que os bordei - disse Beth contemplando os monogramas um

pouco irregulares que tanto trabalho lhe haviam dado.

- Olha que engraçado ! - exclamou Jo. - Ela bordou a palavra Mãe!

- Foi porque a inicial de Meg é a mesma e eu quero que seja só a mãe a usá-los.

- Fizeste muito bem, meu amor, e ela vai gostar muito - disse Meg, fazendo um sinal de desaprovação a Jo.

- Já lá vem!, escondam o cesto - disse ela, logo que ouviu fechar-se a porta da rua.

Mas quem apareceu foi Amy que, ao ver as irmãs, ficou um pouco confusa.

- Onde é que estavas e o que é que trazes aí escondido?

- perguntou Meg.

16

-Não queria que soubessem, mas... fui trocar o frasco pequeno por outro maior, porque não quero ser egoísta.

A sua atitude modesta e sincera valeu-lhe um abraço de Meg, enquanto Jo louvava a sua coragem e Beth ia buscar uma rosa para enfeitar o frasco.

Ouviu-se de novo a porta, o cesto voltou a desaparecer e as raparigas foram para a mesa para tomar o pequeno-almoço.

-Boas-Festas, mãe, e obrigada pelos livros!

-Feliz Natal, minhas filhas. Estou contente por terem gostado dos livros e espero que vos sejam muito úteis. E agora, antes de nos sentarmos, tenho uma coisa para vos dizer. Aqui perto está uma mulher com um filho recém-nascido e mais seis que dormem na mesma cama para não morrerem de frio, porque nem lume têm. Vocês eram capazes de lhes dar o vosso pequeno-almoço como prenda de Natal? As meninas estavam com muito apetite e, naquele momento, ninguém falou mas, logo a seguir, Jo disse com calor:

- Ainda bem que a mãe chegou antes de termos começado a comer.

-Posso ir também? - perguntou Beth entusiasmada.

- Eu levo a manteiga e os bolos - acrescentou Amy, a quem custava renunciar a coisas de que tanto gostava.

Meg, entretanto, já estava a preparar as coisas para levarem.

- Nem por um instante duvidei de que as minhas filhas concordariam comigo - disse satisfeita a senhora March.Quando voltarmos comeremos pão e leite.

Saíram logo e dentro de pouco tempo estavam num quarto miserável, sem lume, onde se encontravam a mãe doente, numa cama com lençóis rotos, e o recém-nascido ao lado, chorando. Noutra cama, os irmãozinhos pálidos e débeis aqueciam-se uns aos outros. Os seus rostozinhos abriram-se num sorriso quando viram entrar as raparigas.

17

- Oh, meu Deus! - exclamou a mulher, chorando de alegria. - São anjos bons que nos vêm ajudar!

- Anjos com luvas e toucas -, gracejou Jo, fazendo rir toda a gente.

Hanna, que tinha trazido lenha, acendeu o lume e cobriu de papéis os vidros partidos. A senhora March deu leite e chá à mãe dos pequenitos, prometendo-lhe que não a abandonaria, e vestiu o bebé como se fosse seu próprio filho. As meninas levaram a mesa para junto do lume e deram de comer às outras crianças, que estavam muito espantadas.

Quando saíram, não havia em toda a cidade raparigas mais felizes do que aquelas, porque tinham renunciado, no dia de Natal, a um bom pequeno-almoço, contentando-se com pão e leite.

- Isto é amar o próximo mais do que a si mesmo - disse Meg enquanto, já em casa, tirava as prendas da cesta, aproveitando o momento em que a mãe fora ao andar superior.

Uma jarra com rosas e crisântemos dava à mesa uma nota de distinção.

- A mãe vem a descer! Toca, Beth! Abre a porta, Amy! Viva a mãe! - exclamou Jo, agitando-se em volta da mesa, enquanto Beth tocava uma marcha alegre, Amy abria a porta e Meg se aproximava da mãe. Esta ficou surpreendida e emocionada. Sorrindo, examinou os seus presentes, lendo os bilhetinhos junto de cada um. As chinelas foram-lhe calçadas, meteu no bolso um lençinho perfumado com água-de-colónia e, depois de pregar ao peito a rosa que enfeitava o frasco, calçou as luvas.

Era já bastante tarde e o resto do dia foi passado em preparativos para a representação da noite. Como elas tinham pouco dinheiro inventavam peças de teatro e faziam todas as coisas que eram precisas: guitarras de papelão, candeeiros feitos com latas cobertas de papel prateado, trajes de retalhos de algodão enfeitados com bocadinhos de latas de

18

conservas... A mobília já estava habituada a ser virada de pernas para o ar e a grande sala era palco de muitos divertimentos inocentes.

Não eram admitidos rapazes e Jo tinha imenso prazer em interpretar papéis masculinos.

Naquele dia de Natal, à noite, uma dúzia de raparigas acomodava-se como podia em cima de uma cama que fazia as vezes de plateia e que ficava em frente de umas cortinas que serviam de pano de boca. Pouco depois, soou uma campainha, as cortinas abriram e a representação começou.

Um bosque sombrio era representado por alguns arbustos em vasos, um tapete verde estendido no chão e uma caverna ao fundo. Esta era feita com mantas escuras, a servir de tecto, e cómodas como paredes laterais. Lá dentro estava um pequeno fogareiro, de brasas ateadas, com uma panela preta em cima e, curvada sobre ela, uma velha feiticeira. O palco estava às escuras, de modo que o

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

